

A VIDA É LINDA POR UM DIA!¹

Para dar início ao nosso artigo, devemos primeiramente lembrar algumas datas importantes que marcaram nossa literatura no século XX. Em 1922 acontece a Semana de Arte Moderna. Obras importantes oriundas desse período foram, entre outras, *Memórias sentimentais de João Miramar*, de 1924, por Oswald de Andrade; *Macunaíma*, de 1928, por Mário de Andrade; e *Serafim Ponte Grande*, de 1933, pelo mesmo Oswald. A partir da década de 1930, um Brasil mergulhado em tensões políticas (Estado Novo, Revolução de 30) assiste ao despontar de obras de feição regionalista – malgrado essa denominação não ser totalmente justa em relação a algumas obras que ultrapassam classificações: *Menino de Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego; *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *O Tempo e o Vento* (1949-1961), de Érico Veríssimo; *Cacau* (1933), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado; *O Quinze* (1930) e *João Miguel* (1932), de Raquel de Queirós. De acordo com o crítico Alfredo Bosi, as décadas de 30 e 40 serão lembradas como “a era do romance brasileiro” (1994, p. 388). Romances que mostram uma realidade dura e personagens sofridas, como ressalta o crítico Antonio Candido, ao dar mais detalhes sobre o que se passou no período:

“A partir de 1930 houve uma ampliação e consolidação do romance, que apareceu pela primeira vez como bloco central de uma fase em nossa literatura, marcando uma visão diferente da sua função e natureza. A radicalização posterior à revolução daquele ano favoreceu a divulgação das conquistas da vanguarda artística e literária dos anos 1920. Radicalização do gosto e também das ideias políticas: divulgação do marxismo; aparecimento do fascismo; renascimento católico. O fato mais saliente foi a voga do chamado ‘romance do Nordeste’, que transformou o regionalismo ao extirpar a visão paternalista e exótica, para lhe substituir uma posição crítica frequentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo do espoliado, ao mesmo tempo em que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações.” (2006, p. 246-247).

Continuando nosso panorama literário, outra data que se destaca no século passado é o ano de 1943, quando a jovem Clarice Lispector publica *Perto do coração selvagem*, inaugurando uma linguagem inédita no romance, marcado pela busca de novas conquistas formais. Vale lembrar que Clarice foi recusada pela José Olympio Editora, além de ter dividido os críticos da época, desacostumados àquela linguagem – mais tarde trataremos novamente da editora José Olympio.

Em 1956, um romance vem abalar todas as estruturas literárias: *Grande Sertão: Veredas*, considerada a grande obra do século XX. Nele, Guimarães Rosa une, com maestria, o velho regionalismo associado a uma linguagem nova, recriada, plena de neologismos. O grande legado de Guimarães foi uma obra grandiosa e poética.

Finalmente chegamos ao ano de 1965. Nesse ano pós golpe militar é publicada uma obra rara e impactante, mas que por algum mistério ainda não consta dos grandes manuais de literatura brasileira: *O Pássaro da Escuridão*, de Eugênia Sereno. Esse é o pseudônimo de Benedita de Rezende Graciotti, nascida na cidade de São Bento do Sapucaí, no Vale do Paraíba. Com seu único livro, subtintulado “romance antigo de uma cidadezinha brasileira”, Eugênia Sereno traz uma lufada de ar fresco ao regionalismo paulista. A “cidadezinha” referida no subtítulo é Mororó-Mirim, uma recriação baseada em sua cidade de nascimento, São Bento do Sapucaí.

Convém destacar, antes de mais nada, a dificuldade que enfrentamos para descobrir algo mais sobre a autora e sua obra. Além das propagandas de sebos vendendo exemplares do livro na internet, não se encontra muita coisa. Na Biblioteca on-line da maior universidade do Brasil, a USP, encontramos apenas *O Pássaro da Escuridão*. E só. Nenhuma tese, monografia, nem mesmo um artigo sobre o romance. Pesquisamos em grandes manuais de história da literatura como *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, e *A Literatura Brasileira*, de José Aderaldo Castello. Nenhuma referência a Eugênia Sereno. Na internet – onde tudo se encontra – descobrimos, com felicidade, que algumas pesquisadoras do Vale do Paraíba estão se debruçando sobre a obra e a vida da escritora: Rita Elisa Seda e Sônia Gabriel. Localizamos também uma entrevista em que o livro de Eugênia é citado pelo entrevistado como um de seus preferidos. Outra feliz descoberta, mais uma vez através da internet, foi um manual de história da literatura que dedica algumas linhas à escritora valeparaibana. Não é muita coisa, mas o autor, o professor Massaud Moisés (em *História da Literatura Brasileira*, volume III, dedicado ao Modernismo e publicado pela Cultrix numa edição de 2001) se mostra simpático à obra, cujo estilo define como “poeticamente opulento”, além de fornecer uma possível pista de trabalho para os estudiosos de Literatura Comparada, quando afirma que Eugênia “empreendeu a reconstituição proustiana de Mororó-Mirim” (2001, 362).

Uma vez que no campo do romance *O Pássaro da Escuridão* é filho único, perguntamo-nos: teria Eugênia Sereno escrito e publicado outros gêneros textuais? Curiosamente, durante nossas pesquisas, deparamos com um belo texto (“Pirilampus”) de Eugênia reproduzido num blog. Segundo o blogueiro, trata-se de um texto publicado no “Suplemento Literário” do jornal o *Estado de São Paulo*, nos anos 1960. Infelizmente não há data precisa. Além disso, segundo Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário crítico de*

¹ Frase do livro *O Pássaro da Escuridão*.

escritoras brasileiras: 1711-2001, a escritora publicou contos e crônicas na imprensa e em revistas especializadas, como a *Vanitas* (cf. 2002, p. 203). Observe-se mais uma dificuldade para o pesquisador: não sabemos detalhes precisos sobre quais jornais e revistas publicaram os textos de Eugênia, além da revista *Vanitas* e do blog que publicou o texto do “Suplemento Literário”.

Como se pode perceber, fazer um simples levantamento da fortuna crítica de Eugênia Sereno representa uma dificuldade imensa para os pesquisadores. Mas será que tantos ignoraram um livro difícil de passar despercebido, dadas suas 428 páginas de poesia na primeira edição, e que na terceira edição foram bem além das 500? Muito pelo contrário. Por meio da terceira edição – justamente a que está em nossas mãos – descobrimos que muita gente (e gente de peso nas Letras Brasileiras) foi arrebatada pela força do pássaro de Eugênia. Ao final do livro foram reunidos trechos de artigos e comentários publicados dentro e fora do Brasil, louvando o aparecimento da obra. Entre os jornais da época que registraram o acontecimento destacam-se o *Diário de São Paulo*, a *Folha de São Paulo*, a revista *O Cruzeiro*, o *Correio da Manhã* e até mesmo um jornal argentino, *La Capital*.

É preciso lembrar, além disso, que o livro de Eugênia Sereno não passou despercebido aos olhos dos críticos de um dos maiores cadernos de literatura que o Brasil já teve, o “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*, publicado entre os anos de 1956 e 1974. Pessoas do porte de Peregrino Júnior, Temístocles Linhares, Rolmes Barbosa, Francisco de Assis Barbosa, Nelly Novaes Coelho, Cassiano Ricardo, Fernando Namora, Maria Alice Barroso, Adonias Filho, Hilda Hilst foram de algum modo tocadas pelo *Pássaro da Escuridão* e deixaram registradas suas impressões. É pena que no livro não haja maiores referências quanto à data das publicações, o que poderia facilitar sua localização. Alguns dos comentários não têm nem o nome do veículo onde foram publicados, constando apenas o autor.

Como se vê, o pesquisador que se aventurar a desvendar os mistérios do “pássaro sereno” terá muito trabalho. Sabemos ao menos que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) reúnem os cadernos do “Suplemento Literário”, onde se encontram alguns artigos sobre a escritora. Vale observar que o próprio texto usado como introdução ao livro (terceira edição, 1973) provém originalmente do conceituado caderno cultural paulista: “Menina dos vagalumes” foi escrito por Osmar Pimentel e publicado na edição do jornal do dia 16 de julho de 1966. Já o posfácio do livro intitula-se “Entre lirismo e epopeia” e é assinado pelo grande crítico e tradutor Paulo Rónai. Temos ainda, após esse belo texto, uma análise da obra feita pelo escritor Plínio Salgado.

Em relação à obra há certamente material, embora esparso e à espera de ser localizado e reunido, o que não é tarefa fácil. Mas se sabemos algo sobre a obra, conhecer um pouco da vida de Eugênia Sereno é tarefa mais árdua. Nem mesmo na poderosa Wikipedia – ferramenta de busca que discorre sobre todos os assuntos e pessoas – encontramos um tópico referente a ela. Para sermos justos, tivemos uma feliz surpresa ao descobrir que a escritora ganhou o Prêmio Jabuti no ano de 1966, na categoria “Literatura Adulta – autor revelação”. Cremos na existência de artigos publicados na imprensa da época, dada a importância desse prêmio literário, cujo início se deu em 1959. Para se ter uma ideia, no mesmo ano em que Eugênia foi laureada, aquele que é considerado nosso maior crítico literário, Antonio Candido, também o foi.

Em relação a imagens da escritora, a situação não é menos complicada. Sua única foto disponível por nós encontrada vem impressa na quarta capa do livro. Uma foto em preto e branco, só de rosto, exibindo uma jovem de olhar doce, cabelos curtos, sem brincos, num semi-perfil. Na dedicatória da obra ela lista uma série de nomes de parentes (os pais, os avós, o tio). Dedicar também àquela que chama de “segunda mãe”, Ada Graciotti. Provavelmente sua sogra, já que Eugênia chamava-se Benedita de Rezende Graciotti e era casada com o escritor paulista Mário Graciotti. Uma das epígrafes do romance, vale lembrar, é um trecho de artigo que Mário publicou no *Diário Popular* do dia 3 de janeiro de 1971. Mas será que o artigo tratava da obra de sua esposa? O trecho reproduzido não deixa claro. Mário Graciotti tem várias obras publicadas e conquistou prêmios literários. O próprio escritor cita muito de passagem Eugênia Sereno no livro de crônicas e ensaios *Caro senhor arcanjo, cheio de estrelas, por que não me escutais? : desabafos e depoimentos*. No ensaio “Caminhos do pretérito”, ao rememorar a descoberta de um escrito português chamado Raul Brandão, Graciotti fornece, ao final do texto, uma lista de autores que, segundo ele, podem ser associados na mesma linha do escritor francês Victor Hugo. Entre eles, Eugênia Sereno (cf. p. 230). Sem mais detalhes. Mesmo tendo pouquíssima informação sobre Eugênia nesse livro, o pesquisador que se enveredar pela Literatura Comparada encontra um outro veio, um caminho promissor a ser explorado: a presença francesa em Eugênia Sereno. Além dos já citados Proust e Victor Hugo, temos também a presença de Baudelaire, do qual ela mesmo cita *As flores do mal*, e Gustave Flaubert, cujo livro mais famoso dá título a um dos capítulos de *O Pássaro da Escuridão*: “Madame Bovary”. Por fim, um outro dado curioso da vida de Eugênia Sereno foi o fato de termos descoberto ser ela sobrinha do célebre e polêmico Plínio Salgado. Essa revelação é feita pelo próprio Plínio no texto publicado ao final do livro de Eugênia. Acaso Plínio a teria estimulado a se aventurar no mundo das letras? A escrita de Eugênia porventura teria tido alguma influência de seu tio? Há muito a ser feito. Até mesmo a data da morte de Eugênia é controversa. Segundo Massaud Moisés – no já citado *História da Literatura Brasileira* – a escritora nasceu em 1913 e morreu em 1986. No entanto, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras 1711-2001*, Nelly Novaes Coelho afirma que ela nasceu em 13 de setembro de 1913 e morreu em 1981. Para se ter uma

ideia mais nítida do desconhecimento em torno da figura de Eugênia Sereno, vejamos um rápido excerto de uma entrevista dada pelo seu sobrinho Sérgio Graciotti – cuja mãe era irmã de Mário Graciotti (o marido de Eugênia). Essa entrevista foi realizada por Ilana Strozenberg e Luciana Heymann no dia 13 de julho de 2004. Ao ser perguntado sobre sua família, Sérgio afirma que seu tio foi um livreiro conhecido e sua tia foi “uma grande escritora”:

“Sérgio Graciotti – (...) O meu tio foi um livreiro conhecido. A minha tia foi uma grande escritora. Antes do Guimarães Rosa, o estilo dela era do mesmo tipo.

L.H. - Qual o nome dela?

S.G. - Eugênia Serena (sic). Acho que ela só escreveu dois ou três livros.

I.S. - Irmã da sua mãe?

S.G. - Não. Era mulher do meu tio, que era irmão da minha mãe.” (MACHADO, 2005, p. 1-2).

Observe-se que nem mesmo o sobrinho de Eugênia Sereno sabe ao certo quantos livros ela escreveu, apesar de saber que foram poucos. Na verdade, se as informações que colhemos estiverem corretas, não foram dois nem três, mas apenas **um romance**. Note-se, aliás, a grafia incorreta do sobrenome Sereno. Na entrevista transcrita aparece ainda uma nota de rodapé explicando que Mario Graciotti foi “jornalista e escritor, autor de livros como *Automóvel de luxo* (1932), *O último romântico* (1933) e *A quarta dimensão* (1938). Ocupou a cadeira 37 da Academia Paulista de Letras” (MACHADO, 2005, p. 1). Sobre Eugênia Sereno, nem uma nota. Um outro dado interessante é a afirmação incorreta de que “antes do Guimarães Rosa, o estilo dela era o mesmo”. Na verdade, Guimarães já havia publicado obras cruciais vários anos antes: *Sagarana* em 1946, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão* em 1956, enquanto *O Pássaro da Escuridão* só vem à luz em 1965.

Após termos abordado aspectos gerais de Eugênia Sereno e sua obra, é preciso também mergulhar diretamente no texto e na escrita da autora. A primeira observação a ser feita, presente nos artigos e trechos de artigos pesquisados, relaciona-se à poeticidade e à musicalidade das palavras organizadas na página. Vejamos um exemplo logo no início da obra, do capítulo “Escuridão”:

“Sobre uma trempé de três pedras, no covão de uma panela de pedra preta e quebradas beiras, redonda e suarenta, chia, mais graveolento que os miasmas, mais grosso que um lodo, um caldo gordo, borbulhento, de gosto ruim e estranho aspecto, feito de bucho de bode branco, banha de capivara-macha, moela e espóra de galo negro bem benzido e pontas de rabos secos de cobra-fêmea, cortados em rodélas, torrados, muito esmoídos em pilão e, por fim, regados com leite de mulher recém-parida” (SERENO, 1973, p. 10).

Nesse trecho destaca-se uma técnica típica da poesia, o uso das aliterações, ou seja, a repetição de fonemas no início, no meio ou no fim da palavra. Nesse caso, muitos erres (trempé, três, pedras, preta, quebradas, beiras, suarenta, graveolento, grosso, gordo, borbulhento, estranho, branco, negro, cobra), muitos pês e bês (panela, capivara, espóra, bem benzido, pontas, pilão, parida). muitos sons sibilantes, muitos “esses” associados à dureza do erre. É quase um jogo de traválinguas – “O peito do pé do pedro é preto”. Praticamente impossível para o leitor, em certas passagens, resistir ao desejo de ler o texto em voz alta. Curiosamente, foi o que fizemos em alguns momentos e, mais tarde, ao ler o Posfácio de Paulo Rónai, notamos que ele deve ter feito a mesma coisa:

“Desorientado, assustado, o leitor começa por esquivar-se e rende-se logo depois, deixando-se arrebatar, detendo-se vez por outra para reler um trecho, não resistindo à tentação de o fazer em voz alta”. (SERENO, 1973, p. 583).

Impressiona, em Eugênia Sereno, a fusão plástica dos sons ao lado da riqueza vocabular. E, nesse caso, transbordam termos do falar interioriano, logo identificados por quem é de origem “caipira” (nosso caso). A romancista brinca o tempo todo com os sons, como neste breve trecho em que se destacam, dito de forma simplificada, “oposições” sonoras vocálicas “i” e “o” – “este quiriri doloroso é Mororó” (SERENO, 1973, p. 188).

O bulício causado à época do lançamento da obra foi tanto que dividiu muitos críticos quanto à filiação artística de Eugênia Sereno:

“Quando apareceu esse romance, falou-se em parentesco literário dele com a ficção, também exemplar, de Guimarães Rosa. Eugênia seria, por assim dizer, brilhante discípula do autor de *Corpo de Baile*. Não creio, sinceramente, nessa suposição” (SERENO, 1973, p. 590).

Essa foi a declaração de Osmar Pimental em *São Paulo: espírito, povo, instituições*, publicado em 1968 pela Livraria Pioneira. Em geral, percebemos que, num primeiro momento, os críticos chegam a citar Guimarães Rosa como inspirador da obra de Eugênia, mas logo em seguida conseguem desassociar-se dessa ideia ao salientar as diferenças entre um e outro, o tipo de regionalismo que cada um representaria etc. Seria oportuno, para os que pretendem desenvolver um estudo sobre Eugênia Sereno e a cultura

valeparaibana, não simplesmente negar o “húmus rosiano” – palavras de Nelly Novaes Coelho – presente na autora, mas procurar entender o que os afasta e os aproxima, o que os diferencia e o que os une.

É necessário recordar que, no início deste artigo, citamos a recusa da José Olympio Editora em publicar o primeiro livro de Clarice Lispector. Não sabemos qual foi a justificativa da editora, mas é possível imaginar que isso se deu pelo fato de ser uma novidade no panorama de então, fora dos padrões e do horizonte de expectativas dos anos de 1940. Eugênia Sereno teve seu livro publicado justamente por essa editora. São obras completamente diversas, mas ambas inovadoras. Creemos que, em 1965, mais de vinte anos depois do aparecimento de Clarice e nove anos após *Grande Sertão*, nosso chão já estava mais preparado para receber Eugênia Sereno. Difícil entender por que, depois de recebê-la com tanto entusiasmo, a literatura brasileira resolveu deixá-la guardada em sebos e nas prateleiras de bibliotecas, salvo exceções.

Falta muito para entender *O Pássaro da Escuridão*. Alguns passos começaram a ser dados. Caminhos não faltam. Seja pela reconstituição da recepção crítica à época do lançamento da obra, seja pela análise da presença francesa no livro ou mesmo da presença brasileira, caso de Guimarães e mesmo Monteiro Lobato e seu *Cidades Mortas*. Ler o romance (“Será um romance?”, segundo Paulo Rónai) é uma forma de mantê-lo vivo e, sobretudo, de saber valorizar uma cultura tão rica e peculiar como a valeparaibana.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. “A nova narrativa”. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006, p. 241-260.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo, EDUSP, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo, Escrituras Editora, 2002.
- GRACIOTTI, Mario. *Caro senhor arcanjo, cheio de estrelas, por que não me escutais? : desabafos e depoimentos*. São Paulo, IBRASA, 1986.
- MACHADO, Sérgio Graciotti. *Sérgio Graciotti (depoimento, 2004)*. Rio de Janeiro, CPDOC, ABP – Associação Brasileira de Propaganda, Souza Cruz, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – volume III*. São Paulo, Cultrix, 2001.
- SERENO, Eugênia. *O Pássaro da Escuridão*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.